

# Como um Olhar de Pássaro?

Cristina Joanaz de Melo<sup>1</sup>, Gilmar Arruda<sup>2</sup>, Patricia Clare<sup>3</sup>

## RESUMO

Olhar o passado como um país estrangeiro talvez seja um desafio impossível quando consideramos a carga cultural, subjetiva e identitária presente na obra do historiador, ou em toda ação humana, afinal, esta é uma espécie que produz símbolos e valores, cultura, que os utilizam para todas as relações entre humanos e outras espécies. Talvez somente para um 'estrangeiro-alienígena' seria possível uma etnografia das relações entre humanos e o mundo natural. Através dessa metáfora busca-se alcançar no passado exemplos de ações, práticas e processos de preservação, restauro, cuidado com o mundo natural para, trazendo as ao presente alargar o espaço de experiência, aumentando assim o horizonte de expectativa em relação a continuidade das condições de vida na terra.

**Palavras-chaves:** restauração ambiental; resgate ambiental; espaço de experiência; horizonte de expectativa; crise ambiental.

---

<sup>1</sup> Doutora em História. (European University Institute: Fiesole, Toscana, IT). Docente no Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT). ORCID: 0000-0003-2190-2209, E-mail: cristinajoanaz@fcs.h.unl.pt

<sup>2</sup> Doutor em História (UNESP-Assis-SP). Docente aposentado- Departamento História (Universidade Estadual de Londrina - UEL). Docente Programa pós-graduação em História (Universidade Estadual de Maringá - UEM). (Universidade do Porto – CITCEM). ORCID: 0000-0002-7249-2775. E-mail: garruda@uel.br

<sup>3</sup> Doutora em História (Universidad Pablo de Olavide- Sevilha-Espanha). Docente em Escuela de História (Universidad de Costa Rica). ORCID: 0000-0002-6829-2981. E-mail: claretricia@gmail.com

É conhecida a afirmação, atribuída a David Lowenthal<sup>4</sup>, segundo a qual deveríamos pensar o passado como se fosse um país estrangeiro, do qual não conheceríamos a língua nem sua cultura, onde nos sentiríamos completamente estrangeiros e estranhos. Muitos interpretaram esta afirmação como sendo uma reivindicação de isenção na prática do fazer historiográfico pelo historiador, uma versão de uma objetividade absoluta, que veio a se reconhecer como impossível com admissão da subjetividade existente no ato de escrever e interpretar.

Entretanto, deve-se conceber aquela proposição em um sentido que reivindica evitar a naturalização da realidade pretérita que se está examinando. Nada do que foi e está sendo teria acontecido ou está acontecendo de forma “natural”, como se fora um ciclo eterno definido em outro lugar pelos deuses, no qual os humanos nada pudessem ter feito ou agido. Assim, com este olhar, nada, ninguém, nenhum fato ou processo estaria fora do exame, do questionamento e da dúvida sobre o porquê teria ocorrido, de qual forma ocorreu, o que teria resultado e, especialmente, quais outras possibilidades ficaram soterradas no deserto das possibilidades perdidas.

Olhar o passado como um país estrangeiro talvez seja um desafio impossível ao considerarmos a carga cultural, subjetiva e identitária presente no fazer do historiador ou, de forma geral, em todas as ações dos humanos, afinal esta é uma espécie que produz símbolos, valores e cultura, que os usam para todas as relações entre humanos e outras espécies. Assim, se nos seria impossível ver as próprias ações dos humanos no passado, sem a carga de valores simbólicos e subjetivos, somente sendo um extraterreste, seria possível desnaturalizar aquilo que ocorreu e ocorre nas relações entre os humanos e o mundo natural. Uma etnografia dos humanos e suas relações com o seu mundo realizada por um “estrangeiro” deste planeta habitado por humanos e milhões de outras espécies. O relato que se segue foi o que ocorreu entre um pesquisador humano, da área de história e um destes visitantes “etnógrafos”.

Chegamos, disseram, há cerca de 20 giros de seu planeta em torno da estrela luminosa, que lhes fornece energia. Parece ser bem pouco tempo em sua escala de tempo natural. Somos de muito longe e nos interessamos por entender todas as

---

<sup>4</sup> David Lowenthal. *The past is a foreign country* ( Cambridge: Cambridge University Press, 1995)

formas de vida, frase que foi dita com um pouco de hesitação, pois parecia que não era muito perfeita para traduzir o que queriam afirmar. Logo quando chegamos, tivemos que estabelecer uma forma de comunicação com o método que vocês usam para se comunicar uns com os outros de sua mesma espécie e percebemos que também a utilizam com outros seres vivos deste planeta.

O que nós fazemos, informaram como se tivessem deduzido minha surpresa, é investigar todas as formas de utilização de energia por todas as espécies de seres nos mundos mais distantes. A energia, continuaram a me explicar, de todas as formas e seus usos por todos os lugares, é o que parece ser, talvez, a única coisa semelhante entre todos os planetas que já estivemos e investigamos. Neste tempo solar que aqui estamos, como vocês definem os movimentos planetários, uma das nossas deduções, ou observação nos intriga, pois como uma espécie entre milhões, em um curto, curtíssimo ciclo de movimentos estelares, o que na sua forma de comparar significa cerca de 12 mil anos, este momento que vocês chamaram de holoceno, a sua espécie tornou-se preponderante neste planeta. Não é em termos numéricos, em quantidade, mas é, com certeza, a espécie que mais utiliza, transforma e desperdiça energia. Neste curto espaço temporal, foram capazes de produzir centenas de maneiras de se apropriar da energia do vosso planeta, assim como da energia dos outros seres vivos, de restos dos processos físico-químicos ocorridos muito antes do surgimento de vossa espécie. A esta altura, estava surpreso com a quantidade de informação e domínio que tinham sobre nossas formas simbólicas de comunicação, além disso, da interpretação da essência de nossa relação com o planeta e demais seres vivos como consumidores de energia. Ainda mais com as referências a processos físico-químicos, que deduzi que se referia ao aproveitamento do petróleo. Mas também, continuaram, aprenderam muito rapidamente a utilizar a energia existente em processos geológicos, que vocês chamam de naturais, como os movimentos do elemento água, em seu ciclo no seu planeta, dos movimentos do ar, que vocês chamam de vento, da energia recebida de sua estrela brilhante. Foram ainda além da observação e passaram a tentar imitar outros processos físicos, como o choque das menores partículas que se compõem a matéria, aproveitando-se da energia daí resultante.

Notei, a esta altura, que nesta apresentação estavam tentando ser didáticos, um tanto professorais, como se estivessem ministrando aulas para adolescentes ou crianças. Desconfiei que o motivo da conversa era outro, afinal, eles conheciam bem o processo de coevolução dos humanos e o mundo natural. Logo perceberam que eu estava ficando inquieto e interromperam a apresentação: bom, disseram, o que de fato nos tem intrigado, indo direto ao ponto, como vocês gostam de dizer, é porque, apesar da vossa capacidade de inventarem e aproveitarem de quase todos os tipos de energia existente do planeta, estão agora em uma situação na qual se sentem desesperados, assustados, ao ponto, de estarem anunciando o fim da sobrevivência da própria espécie? Notei que não havia, dado a habilidade como manejavam nossas construções simbólicas de linguagem e interpretação, em suas afirmações quaisquer juízo de valor ou condenação. Seria a conclusão lógica do que tem sido exposto e apresentado em inúmeros documentos, textos, filmes, manifestações e em conceitos como o 'antropoceno' ou mudanças climáticas, etc. Pensei em argumentar que não era a opinião de todos, em todos os lugares, mas não me pareceu que isto atenderia a motivação daqueles 'investigadores'. Eles estariam, imaginei, ah, sempre a imaginação interpretativa, investigando o percurso da coevolução dos humanos com o mundo natural, observando e analisando os resultados dessa convivência, que teria criado o mundo, o qual eles avistaram desde quando aqui chegaram. Deduzi que estavam procurando compreender, como criamos o mundo atual, isto é, como o mundo que existe, no sentido do mundo natural, teria sido resultado das relações estabelecidas entre as espécies vivas no planeta, inclusive a nossa com o restante do mundo natural em suas complexas relações tróficas. Creio que eles tinham noção de que as explicações que eu poderia dar já seriam avaliações e julgamentos, pois sabiam que a nossa espécie cria símbolos e valores nas relações que estabelecem com sua própria espécie e com todas as demais, assim como com o mundo físico. Digo isso, pois logo adiantaram, que não estavam procurando nos julgar, mas investigar as diversas relações, muitas das quais realizadas para 'aprimorar', 'manter', sustentar o próprio mundo. Percebi, então que o dilema era meu, dos humanos, como uma vez afirmou Keith Thomaz<sup>5</sup>, e não deles. Veja, continuaram, são vocês, os humanos, é que estão se

---

<sup>5</sup> Keith Thomaz. *O homem e o mundo natural*. (São Paulo: Cia das Letras, 1989).

julgando pelo que foi feito e que resultou na presente angústia em relação ao futuro. Mas julgar, talvez para eles, fosse apenas avaliar, estabelecer o que se fez em nome do que foi feito e o que teria resultado.

Teria sido um sonho, uma epifania, não sei dizer, mas o certo que imediatamente me lembrei de dois autores que me parecem, teriam sido lidos por meus visitantes: Paul Ricoeur<sup>6</sup> e Reinhart Koselleck.<sup>7</sup> Do primeiro, recordei uma afirmação que dava conta das intenções e ações dos homens do passado, os quais projetavam seus futuros e cujas ações deixaram, as vezes, consequências não desejadas frustrando suas melhores expectativas e projetos. Assim, os historiadores deveriam despertar e reanimar aquelas promessas abandonadas no deserto das expectativas não realizadas. Mas como ir até o deserto e não se perder? O mapa foi traçado por Koselleck<sup>8</sup>, usando a bússola da história dos conceitos. Para ele, o passado seria sim um país cuja língua não mais conhecemos, mas que um dia foi falada por nós. Assim, com o que sobrou daquela língua no presente, nossos conceitos, podemos conhecê-la, e saber o que aqueles homens diziam e pensavam, em sua própria língua, seus próprios conceitos. O presente não é uma 'fatalidade do passado', devemos escapar a 'ilusão retrospectiva da fatalidade'.

A avassaladora máquina de transformação da natureza surgida na era do capital, teria alcançando um ponto no qual as ações antrópicas já estariam entrelaçadas aos processos tróficos da biosfera, transformando tudo em energia para movimentá-la ou em produtos a serem consumidos. A modernidade obcecada pelo progresso e o futuro, levou os humanos a um mundo sem futuro, no qual estariam a viver no presentismo<sup>9</sup>. O passado já não serve como guia, no futuro há a ameaça das mudanças climáticas e degradação dos suportes da vida. Estariam os humanos, portanto, incapazes de distinguir passado, presente e futuro, assimilando as crises ambientais como sendo 'naturais' e não resultado de uma determinada forma histórica de apropriação do mundo natural. Face às constantes e onipresentes notícias sobre a destruição de biomas; de crimes socioambientais, das cúpulas

<sup>6</sup> Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa* (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010).

<sup>7</sup> Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa* (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010).

<sup>8</sup> Reinhart Koselleck. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. (Rio de Janeiro: Contraponto-PUC-Rio, 2014). Trad. Markus Hediger.

<sup>9</sup> François Hartog. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. (Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013).

mundias que não conseguem, ou não pretendem, barrar as ameaças, aos relatórios do IPCC- *Intergovernmental Panel of Climate Change*, a esperança parece esvanecer do horizonte de expectativa. O historiador encontra-se em uma difícil posição, na qual precisa demonstrar a espessura do tempo e suas articulações passado-presente-futuro em um tempo no qual só se enxerga o presente. Assim, como deseja Paul Ricoeur<sup>10</sup>, eles precisam se tornar homens públicos, que no seu fazer torna político o que encontrou nas intenções não realizadas pelos homens e mulheres do passado. Ao dar a aparência pública no tempo presente para aquelas ações e práticas de cuidado com o mundo natural, bem sucedidas ou não, poderiam aumentar o espaço de experiência disponível aos contemporâneos abrindo possibilidades de novos horizontes de expectativa em relação ao futuro nas definições avançadas por Reinhardt Koselleck.<sup>11</sup>

O exercício de comparar crises pré-capitalistas de caráter ambiental com as contemporâneas pode constituir um ponto de apoio a esta proposta, mantendo o cuidado de lembrar sempre da grande aceleração da degradação promovida pela era do capital, talvez sem semelhante em tempos pretéritos. As escala da degradação efetiva por uma minoria não pode, não deve obliterar outro referente. Em que medida os agentes sociais conseguiram criar soluções que no seu tempo e com o conhecimento disponível, por exemplo, no processo de arranque e desenvolvimento da Revolução Científica e Iluminismo nas Margens do Atlântico nos séculos XVII a XIX, vários pensadores idealizaram inverter o rumo de um consumo descompensado de recursos naturais e se desenvolveram experiências e processos no terreno para se tentar encontrar um equilíbrio entre os mesmos

O mundo atual reclama travar a degradação ambiental para garantir a viabilização da natureza e de todos os seres vivos. Temos medo e ficamos algo bloqueados com a nossa própria condição ambiental. Será que conseguimos ultrapassar essa perspectiva? Se sim, então a que paradigma ambiental recorreremos para analisar no passado questões prementes desse tempo e como nos podem ajudar no presente? Se nos anos de 1980 se reclamava desenvolvimento sustentável,

---

<sup>10</sup> Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa* (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010).

<sup>11</sup>Reinhardt Koselleck. *Futuro passado : contribuição à semântica dos tempos históricos*. (Rio de Janeiro : Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006); François Hartog. *Regimes de historicidade : presentismo e experiências do tempo*.(Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013)

atualmente a ideia de pegada ecológica indica que ultrapassamos essa medida negativamente. Antes de pensar na possibilidade de equilíbrio, temos que operar a fase anterior: o *resgate ambiental e ecológico* para garantir a viabilidade da vida, tema que retomaremos em local oportuno.

O Planeta Terra chegou a um ponto em que para se conseguir a sustentabilidade entre fruição de recursos naturais e compensação dos mesmos há que operar previamente, pelo menos, duas operações: travar o ritmo de degradação e começar a reabilitar tanto quanto possível as áreas já degradadas. Importou-nos ponderar se processos equivalentes se verificaram em diferentes geografias e em várias épocas.

Assume-se aqui que, nas condições em que estamos no século XXI, o Planeta chegou a um ponto “x” de degradação, a reflexão do terceiro Milénio, já com alguma envergadura, procura soluções para a viabilização de um legado de vida. O propósito e o esforço de reflexão, fruto de grandes preocupações, como veremos, centra-se agora na forma de se encontrarem os instrumentos adequados tanto à reabilitação e recuperação de sistemas suporte à vida como à sua manutenção para o futuro, à escala global.

Esta linha de pensamento e dialética em prol de um futuro ambientalmente possível, tem gerado diferentes publicações por autores espalhados em continentes de todo o Planeta e não apenas numa dada geografia de domínio *capitalista ou de densidade industrial* responsável pelas *maiores cotas de poluição do Planeta*.

Acompanhando a reflexão sobre soluções para a viabilidade e os processos de reabilitação de contextos ecológicos degradados tornou-se entusiasmante averiguar se em dadas geografias houve consciência da progressiva degradação e desgaste de recursos naturais.

De fato, o Mundo atual resulta daquilo que Natureza e fator humano produziram<sup>12</sup>. Anseia-se pelo estado de Sustentabilidade, num rácio de equilíbrio entre consumo de recursos e preservação de sistemas de suporte da vida e recursos

---

<sup>12</sup> Mauro Agnoletti. “Environmental thinking and cultural values: a reflection on environmental globalisation and the mediterranean culture”. *Global Environment*, 7, nº 2, (2015): 257-290.

naturais num equilíbrio de evolução paralela onde o fator humano é responsável por essa balança.<sup>13</sup> E no entanto a comissão para as alterações Climáticas da ONU, pelo menos desde 2011 – nos *Goals for the Milenium* –, que alerta para o fato de a pegada ambiental demonstrar que já não estamos em equilíbrio; o saldo ecológico é negativo e por isso se almeja um processo de travão e resgate ambiental para se atingirem as metas da Agenda Ambiental proposta pela ONU para 2030<sup>14</sup>.

Vivemos um momento em que já se compreendeu que a sustentabilidade, se esta for possível nos quadros do sistema econômico atual, não se atinge se primeiro não se recuperarem em escala suficiente, sistemas de suporte da vida que viabilizem um dia um equilíbrio entre fruição e recuperação de recursos. Então na realidade mais do que sustentabilidade o paradigma é o das opções de *resgate* de ecossistemas e vários legados ambientais de alguma forma reproduzindo hoje, ajustado às necessidades atuais, o pensamento Oitocentista ou mesmo Setecentista ou Seiscentista sobre regeneração de paisagens florestadas, fruídas e renovadas<sup>15</sup>. Nesse sentido o fator antrópico é essencial para travar o ritmo de degradação e operar a mudança<sup>16</sup>.

Na medida em que a prioridade é travar o ritmo de degradação em todo do Globo e encontrar formas de reabilitação com apoio e acompanhamento humano para que este agente caminhe a par com as outras dinâmicas da natureza em harmonia, reduzindo cada vez mais o desequilíbrio existente. Podemos acompanhar a proposta

<sup>13</sup> Mauro Agnoletti. "Environmental thinking and cultural values: a reflection on environmental globalisation and the mediterranean culture". *Global Environment*, 7, nº 2, (2015): 257-290, Francisco (Papa) *Laudato Si. Sobre o Cuidado da Casa Comum*. (Lisboa, Paulinas, 2015), UNO, "Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development", United Nations A/RES/70/1 *General Assembly, 21 October 2015 Seventieth session Agenda items 15 and 116 15-16301* (E) \*1516301\*, Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015. [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E) (acedido em 10 de Outubro de 2018), Ulrike **Kierchberger**. "Horizons of Ecological Change: Stories of Transfer across the Indian Ocean in the Age of Empire" *Global Environment*, 13, nº 1(2020): 8-29, available from: <https://doi.org/10.3197/ge.2020.130102>, Gro Harlem Brundtland. *Our Common Future: The Report of the World Commission on Environment and Development*. (Oxford University Press, Oxford & New York, 1987).

<sup>14</sup> Cristina Joanaz de Melo "Conhecer a intervenção humana no território e executar um futuro. Consultoria histórica da paisagem como ferramenta operativa" in: Sheila Khan, Vítor de Sousa, Rita Ribeiro. *O Mundo na Europa: Crises e Identidade* (Ed.), (Humus/CECS, Vilanova de Famalicão, 2020) p.129-143 from: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/267](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/267),

Cristina Joanaz de Melo C. (2020b) "A Floresta em Movimento", in: Cristina Joanaz de Melo(ed). *Como Fénix Renascida. Matas Bosques e Arvoredos: Representações, Gestão, Fruição*.(Lisboa, Colibri, 2020): 79-130.

<sup>15</sup> Marcus Hall. "The High Art Of Rewilding: Lessons From Curating Earth" in: Petteorelli, S. Durant, & J. Du Toit, (Eds.), *Rewilding*, N., (Cambridge University Press, Cambridge, 2019), p.201-221, Marcus Hall. *Restoration and History: The Search for a Usable Environmental Past*(*Studies In Modern History*). (New York And UK, Routledge, 2014), Ian D. Rotherham. "Eco-fusion of Alien and Native as a new Conceptual Framework for Historical Ecology". In: ed. Vaz, E; Melo, C. Pinto, L. *Environmental History in the Making*. (Springer, v 6, Explaining, (2017.): 73-90, [https://doi.org/10.1007/978-3-319-41085-2\\_5](https://doi.org/10.1007/978-3-319-41085-2_5).

<sup>16</sup> Joaquim Cerqueira Gonçalves. "A responsabilidade ambiental uma leitura medieval paradigmática: Redução das Ciências à Teologia de S. Boaventura". *Veritas*, 40, n.159, (1994), <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/35995> DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.1995.159.35995> cited 2020 June 15, Joaquim Cerqueira Gonçalves. *Em Louvor da Vida e da Morte*. (Lisboa, Colibri, 1998).

de Christof Mauch e apresentar, se as descortinarmos, pequenas histórias de “Slow hope” tanto no presente como no passado <sup>17</sup>.

Considerando o quão relevante este formulário se apresenta, podemos refletir que, ao nível do pensamento, o Terceiro Milénio vem a operar uma enorme mudança epistemológica na narrativa ambiental, pois transita dos já abundantemente conhecidos diagnósticos de destruição para os rumos de ação positiva que o ser humano pode desencadear. Esta é valorizada associada ao reconhecimento da validação da natureza de *per se a priori* à sua validação por parte do fator humano, expresso nas teses ecocêntricas e biocêntricas nas reflexões dos limites da ciência e tecnologia como resposta ao quadro de degradação de sistemas de suporte da vida<sup>18</sup> e na necessidade de pensar desenvolvimento sem crescimento à custa da predação de recursos e no papel do factor antrópico como elemento crucial no processo de reabilitação Ambiental. <sup>19</sup>

Em suma, o paradigma mudou; senão mudou encontra-se em evolução. Para se atingir a sustentabilidade cujo momento já terá passado, o resgate de ecossistemas para viabilizar a vida exige pensar ações-soluções em escalas macro e micro.<sup>20</sup>

E nós, em qual paradigma histórico e historiográfico nos movemos? Face ao exposto propomo-nos navegar num paradigma ambiental e historiográfico assente numa ideia de resgate de meios naturais degradados pelo ser-humano ou por agentes naturais que, aos olhos desse mesmo fator antrópico mereceria atenção ao nível consciente da preservação e ou recuperação de recursos naturais.

Discorrer sobre a expressão “resgate ambiental” como um conceito implica precisar como o concebemos nos contextos de pensamento atual e como se poderia aplicar a outras cronologias do passado considerando o seu significado e as escalas de intervenção territoriais.

---

<sup>17</sup> -Christof Mauch. “Slow hope: rethinking ecologies of crisis and fear.” *RCC Perspectives: Transformation in Environmental and Society*. 2019/1

<sup>18</sup> Nicolas Agar. *The Sceptical Optimist: Why Technology Isn't The Answer To Everything*. (Oxford University Press, Oxford UK, 2015).

<sup>19</sup> Francisco (Papa) *Laudato Si. Sobre o Cuidado da Casa Comum*. (Lisboa, Paulinas, 2015)

<sup>20</sup> UNO, “Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development”, United Nations A/RES/70/1 *General Assembly, 21 October 2015 Seventieth session Agenda items 15 and 116 15-16301 (E) \*1516301\**, Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015. [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E) (acedido em 10 de Outubro de 2018).

Assim no século XXI resgate ambiental significaria recuperar as condições ecológicas que garantiriam em segurança a dinâmica - dos ou de -, sistemas de suporte da vida como a conhecemos. Já para períodos anteriores ao *boom* demográfico posterior á segunda Guerra Mundial e explosão da produção industrial profundamente intrusiva na degradação de solos, água e ar universalmente no Planeta, tanto quanto podemos observar o resgate ambiental assume dimensões mais modestas.

Na realidade parece que refletimos sobre um exercício de pré-sustentabilidade inspirado nesta era de reflexão da Pós-sustentabilidade que equaciona como atingir no terreno esse almejado estado de sustentabilidade ambiental e desenvolvimento sustentável: encontrar e implementar mecanismos de resgate ecológico e ambiental para recuperar as áreas degradadas do Globo. Porém, dadas as críticas já realizadas sobre a ideia de desenvolvimento sustentável, provavelmente terá que se avançar para outros modelos de sustentabilidade além dos moldes atuais, no qual parece estar associado a perspectiva de crescimento da produção, em um mundo finito.

Em cronologias anteriores ao século XX, explicitamente pensando poder ser aplicável a todas as geografias e por qualquer cultura, resgate ambiental seria sinónimo de recuperação ou reabilitação de sistemas naturais degradados e prejudiciais à vida vegetal e animal. Importava averiguar se depois da tomada de consciência de que um ritmo intenso e rápido de desgaste dos recursos naturais colocava em risco a sobrevivência das populações e/ou de outras atividades, como agiram as sociedades humanas para inverter esse rumo ou manter equilíbrio entre captura e reposição natural ou induzida.

É nesse sentido que nos interrogamos em que circunstâncias o passado nos revela estados afins de crise territorial e ecológica e que estratégias as sociedades de várias geografias e cronologias desenvolveram para operar resgate ecológico e ambiental. Com que problemas se defrontaram, que recursos tecnológicos, científicos e culturais dispunham para idealizar planos de ação e cumpri-los? De que forma a escassez de recursos, crises naturais de vários tipos e degradação contribuíram para inventar soluções e fazer avançar o conhecimento. Que exemplos *positivos*

conhecemos então de resgate ambiental no passado ou das várias tentativas desencadeadas nesse sentido?

Na realidade, podemos pensar que o desgaste narrado, nomeadamente na história florestal, identifica problemas em geografias e cronologias associadas a um quadro cultural e material específico. Se as preocupações coesas, registradas em fontes produzidas ao serviço de um poder macro, valorizarem o tema da escassez de recursos, tendemos a associar esse tipo de afirmações a uma realidade histórica. Todavia, o contexto e agentes de produção desse tipo de informação não podem ser esquecidos.

De fato, o que estudos recentes parecem demonstrar é que vários territórios associados a desgaste intenso de produtos lenhosos para usos específicos e por agentes sociais também particularizados revelam outras realidades. Por exemplo, não obstante, o discurso de rarefação crescente de recursos florestais expressa na legislação régia setecentista e oitocentista portuguesa e espanhola, essa versão vai ser contrariada pela capacidade de resposta do território.<sup>21</sup>

Tal sucedeu em Portugal no fornecimento de madeira para os arsenais, reconstrução do território e obras públicas tanto em quadros de guerra como de catástrofes naturais verificados entre 1755 e 1850. No intervalo decorrido entre o Terramoto de Lisboa de 1755 e as Guerras Peninsulares [napoleónicas] 1808-1812, o esforço de guerra nestas campanhas militares, bem como nas que se sucederam entre absolutistas e liberais no primeiro quartel do século XIX [1820-1851] e finalmente no arranque das redes de comunicação. Os territórios lusos bem como o espanhol, em cronologia e processos políticos equivalentes, forneceram produtos florestais para as obras régias, salvaguarda da segurança física das populações e obras públicas. Se assim sucedeu, é porque algum tipo de florestas existia tanto no Antigo Regime

---

<sup>21</sup> Koldo Trápaga Monchet e Felix Labrador Arroyo. "La Viabilidad Económico-Ambiental del Bosque del Soto de Romadurante la Dinastia Habsburgo". En: *Alterações Ambientais em Perspetiva Histórica*. (CITCEM, Porto, 2018). DOIs: 10.21747/9789898970084/alte; Koldo Trápaga Monchet. "Guerra y Deforestación en el Reino de Portugal (siglos XVI- XVII)". *Revista Tiempos Modernos*, 9, n.39,(2019): 396-425. <http://www.tiemposmodernos.org/tm3/index.php/tm/issue/view/51> ; Cristina Joanaz de Melo "Conhecer a intervenção humana no território e executar um futuro. Consultoria histórica da paisagem como ferramenta operativa" in: Sheila Khan, Vítor de Sousa, Rita Ribeiro. *O Mundo na Europa: Crises e Identidade* (Ed.), (Humus/CECS, Vilanova de Famalicão, 2020) p.129-143 from: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/267](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/267); Alvaro Aragón Ruano. "Rios de madera". Recursos forestales e hídricos para la Real Armada durante el siglo XVIII en Guipúzcoa y Navarra. *Revista Tiempos Modernos*, 9, n.39,(2019): 426-455. <http://www.tiemposmodernos.org/tm3/index.php/tm/article/view/5412/882>

pertencente à Coroa, às senhorias laicas e privadas e, no Liberalismo, à floresta pública estatal e comunal assim como a privada.

Em síntese, o território ibérico-europeu parece, de algum modo, contrariar as respostas ou teses historiográficas, já tradicionais à escala mundial, sobre a *destruição da floresta* sem uma análise paralela acerca de eventuais esforços de inversão desta tendência. Portanto, nas mesmas cronologias e geografias, as respostas territoriais de oferta de massa lenhosa empregues em atividades humanas revelam inconsistências entre discurso político-legislativo.

Nesse sentido, o que se propõe por meio deste exemplo é lançar para o debate acadêmico a possibilidade dos ritmos de degradação terem sido acompanhados de ações antrópicas de resgate, hoje dito, ambiental, para em consciência viabilizarem oferta e extração daquele tipo de elementos na longa duração, desenvolvidas paralelamente às da já conhecida destruição de recursos naturais.

De fato, muitos já adotam o conceito do antropoceno, pensado como uma era geo-histórica, como era da destruição. De algum modo, algo provocativo, sustentamos que é quase demasiado fácil encontrar este tipo de informação. Se for essa a informação que procuramos, vamos, com certeza, identificá-la. O desafio é outro. É pegar nas propostas hoje desenvolvidas ao nível da filosofia, ambiente e ecologia, entre outras, acerca de soluções para viabilizar presente e futuro. O que pretendemos despertar é o interesse sobre as ações antrópicas no passado que, em quadros de complexidade ambiental e do ponto de vista da interpretação sobre destruição ou desgaste, tenham permitido inverter esse rumo por via a ter deixado o legado de sobrevivência de paisagens naturais com as suas dinâmicas de evolução na longa duração que, apesar de tudo, chegaram até nós.

Não questionamos se ética e moralmente o que pensamos hoje se pode aplicar ao passado. Sabemos pelas ferramentas da história que os conceitos atuais não se podem decalcar para o passado.

Não podemos misturar coisas. É necessário perceber que em contextos de impérios terrestres ou navais, dos incas e astecas, zulus aos europeus, as áreas conquistadas não constituíam *diferentes biotas*, mas apenas e só, uma área agregada;

no quadro das margens do Atlântico. Do ponto de vista da organicidade europeia, esta massa de água constituía uma espécie de *tapete* de ligação da metropole às colônias. Os impérios, americanos, europeus, africanos e asiáticos, milenares ou mais recentes, resultaram de um articulado de geografias para uma única posse e administração, a metrópole.

Para analisar ambientalmente estas situações, temos que conhecer bem os contextos históricos e evitar tirar conclusões anacrônicas por mais que nos pareçam antiéticas ou desumanas nos nossos dias, passar a uma escala mais étno-histórica e antropológica na história para compreender de que forma os pensadores em várias geografias desconectadas do globo pensaram soluções de freio ao desgaste, regeneração de recursos e de prevenção de catástrofes naturais.

Portanto, o que nos propusemos abordar em todo este articulado de ideias é uma reflexão sobre o pensamento, planejamento, execução e resultados dos esforços sobre *resgate ambiental* para viabilização de presentes e legados de futuros já realizados em diferentes geografias, cronologias e contextos históricos do passado, raiz das nossas preocupações ambientais atuais. Também pode ser uma declaração de que, apesar do horizonte de expectativa terrível que se avizinha, podemos ter alguma esperança na capacidade dos humanos de ação em prol da vida, pois isto é a sua responsabilidade diante de toda a vida. Como nos ensinou Hannah Arendt:

O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis da estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre. O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável.”<sup>22</sup>

## REFERÊNCIAS

Chistof Mauch. “Slow hope: rethinking ecologies of crisis and fear.” RCC Perspectives: Transformation in Environmental and Society. 2019/1

Cristina Joanaz de Melo “Conhecer a intervenção humana no território e executar um futuro. Consultoria histórica da paisagem como ferramenta operativa” in: Sheila Khan,

---

<sup>22</sup> Hannah Arendt. A condição humana. 10ª ed. (RJ:Forense Universitária, 1981, p. 2007.)p.191.

Vítor de Sousa, Rita Ribeiro. O Mundo na Europa: Crises e Identidade (Ed.), (Humus/CECS, Vilanova de Famalicão, 2020) p.129-143 from: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/267](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/267),

Cristina Joanaz de Melo C. (2020b) “A Floresta em Movimento”, in: Cristina Joanaz de Melo(ed). Como Fénix Renascida. Matas Bosques e Arvoredos: Representações, Gestão, Fruição.(Lisboa, Colibri, 2020): 79-130

David Lowenthal. The past is a foreign country ( Cambridge: Cambridge University Press, 1995

Devy-Vareta, N. e Alves, A. (2007) “Os Avanços e Recuos Da Floresta Em Portugal – Da Idade Média Ao Liberalismo”. En: Floresta e Sociedade: Uma História Em Comum, Vol.7, Lisboa, FLAD/Publico/LPN, 55-75

Francisco (Papa) 2015 Laudato Si. Sobre o Cuidado da Casa Comum, Paulinas, Lisboa.

François Hartog. Regimes de historicidade : presentismo e experiências do tempo.(Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013)

Hannah Arendt. A condição humana. 10<sup>a</sup> ed.( RJ:Forense Universitária, 1981, p. 2007.)p.191

Ian D. Rotherham. “Eco-fusion of Alien and Native as a new Conceptual Framework for Historical Ecology”. In: ed. Vaz, E; Melo, C. Pinto, L. Environmental History in the Making. (Springer, v 6, Explaining, (2017.): 73-90, [https://doi.org/10.1007/978-3-319-41085-2\\_5](https://doi.org/10.1007/978-3-319-41085-2_5)

Joaquim Cerqueira Gonçalves. “A responsabilidade ambiental uma leitura medieval paradigmática: Redução das Ciências à Teologia de S. Boaventura”. Veritas, 40, n.159, (1994), <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/35995>  
DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.1995.159.35995> cited 2020 June 15,

Joaquim Cerqueira Gonçalves.Em Louvor da Vida e da Morte. (Lisboa, Colibri, 1998).

Keith Thomaz. O homem e o mundo natural. (São Paulo: Cia das Letras, 1989).

Koldo Trápaga Monchet. “Guerra y Deforestación en el Reino de Portugal (siglos XVI- -XVII)”. Revista Tiempos Modernos, 9, n.39,(2019): 396-425

Koldo Trápaga Monchet e Felix Labrador Arroyo. “La Viabilidad Económico-Ambiental del Bosque del Soto de Romadurante la Dinastia Habsburgo”. En: Alterações Ambientais em Perspetiva Histórica. (CITCEM, Porto, 2018). DOIs: 10.21747/9789898970084/alte; Koldo Trápaga Monchet. “Guerra y Deforestación en el Reino de Portugal (siglos XVI- -XVII)”. Revista Tiempos Modernos, 9, n.39,(2019): 396-425.

Marcus Hall. “The High Art Of Rewilding: Lessons From Curating Earth” in: Pettorelli, S. Durant, & J. Du Toit, (Eds.), Rewilding, N., (Cambridge University Press,

Cambridge,2019), p.201-221, Marcus Hall. Restoration and History: The Search for a Usable Environmental Past(Studies In Modern History). ( Newyork And UK, Routledge,2014),

Mauro Agnoletti. "Environmental thinking and cultural values: a reflection on environmental globalisation and the mediterranean culture". Global Environment, 7, nº 2, (2015): 257-290.

Nicolas Agar. The Sceptical Optimist: Why Technology Isn't The Answer To Everything. (Oxford University Press, Oxford Uk, 2015

Paul Ricoeur. Tempo e narrativa (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010).

Pfeifer, N. (2017) Cognition and natural Disasters: Stimulating an Environmental Historical Debate Environmental History in the Making: Explaining, vol 1, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Springer, p. 3-15.

Polónia, A. (2015) Think Globally, Act Locally: Environmental History as Global History in the First Global Age Asian Review of World Histories. Special issue 3-1 (Jan. 2015): 43-66.

Reihardt Koselleck. Estratos do tempo: estudos sobre história. (Rio de Janeiro: Contraponto-PUC-Rio, 2014). Trad. Markus Hediger.

Reinhart Koselleck. Futuro passado : contribuição à semântica dos tempos históricos. (Rio de Janeiro : Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006);

Ulrike Kierchberger."Horizons of Ecological Change: Stories of Transfer across the Indian Ocean in the Age of Empire" Global Environment, 13, nº 1(2020): 8-29, available from: <https://doi.org/10.3197/ge.2020.130102>

UNO, Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Developmen', United Nations A/RES/70/1 General Assembly, 21 October 2015 Seventieth session Agenda items 15 and 116 15-16301 (E) \*1516301\*, Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015. [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E) (acedido em 10 de Outubro de 2018).

Winiwarter V, Schmid M, Dressel G 2013 Looking at half a millennium of co-existence: the Danube in Vienna as a socio-natural site Water History, 5:101-119.

Woitschová, K. 2017, "Hidden treasures: Challenging Traps of Historical Sources for Environmental History, in Environmental History in the Making, vol I, Explaining, (ed. Vaz, E; Melo, C. Pinto, L.), Springer, pp109-122.

Alvaro Aragón Ruano."Ríos de madera". Recursos forestales e hídricos para la Real Armada durante el siglo XVIII en Guipúzcoa y Navarra. Revista Tiempos Modernos, 9, n.39,(2019): 426-455.

<http://www.tiemposmodernos.org/tm3/index.php/tm/article/view/5412/882>

## Like a Bird's Eye

### ABSTRACT

Looking at the past as a foreign country is perhaps an impossible challenge when we consider the cultural, subjective, identity burden present in the historian's work, or in general, in all human action, after all, this is a species that produces symbols and values, culture, who use them for all relationships between humans and other species. Perhaps only for an 'foreign-alien' would an ethnography of the relationships between humans and the natural world be possible. Through this metaphor, we seek to reach in the past examples of actions, practices and processes of preservation, restoration, care for the natural world, bringing them to the present to expand the space of experience, thus increasing the horizon of expectation in relation to the continuity of conditions of life on earth.

**Keywords:** environmental restoration; environmental rescue, space of experience, horizon of expectation; environmental crisis.

Recibido: 09/02/2022  
Aprobado: 04/04/2022